

DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM VITAL

Heidiany Katrine Santos Moreno ¹

INTRODUÇÃO

No Brasil vivenciamos momentos de retrocessos e uma onda de um discurso conservador que invadiu as instituições e a política partidária de forma avassaladora, a partir de dois mil e dezoito. Esses grupos movidos por preconceitos, estigmas e um forte discurso de ódio, conseguiram eleger no ano posterior um presidente que defendia o pensamento da direita conservadora do país e externava a necessidade de combater a “ideologia de gênero”, termo usado por eles com forma de inferiorizar o termo gênero.

Com a implantação da nova Base Nacional Curricular-BNCC por um governo misógino, autoritário e preconceituoso o termo “gênero” é retirado dos conteúdos programáticos sendo usado somente na disciplina de português com gênero textual, pois, esses discursos conservadores invadiram também as instituições educacionais, promovendo uma verdadeira disputa de discurso entre os alunos, os quais identificavam-se como de direita e conservadores. Como consequência em pouco tempo situações de preconceitos e homofobias começaram a acontecer com frequência dentro da escola.

Motivados por alguns casos de violência de gênero, contra alunos não-binários, na escola, professores e professoras de sociologia de filosofia decidem trabalhar com a disciplina eletiva “Gênero e sexualidade: o ser humano

1 Graduada em ciências sociais pela na Universidade Federal do Estado do Pará-UFGPA. Mestra em Ciência da Educação pela Universidade Americana-UA; Mestra em Estado, Democracia e Políticas Públicas pela Fundação Latino Americana-FLACSO. Professora de Sociologia da Rede Estadual de Ensino- SEDUC-PA. heidianykatrine08@gmail.com

em uma sociedade diversa”, envolvendo os componentes curriculares de sociologia e filosofia, no ano de 2022. Por entender que essas disciplinas tem como fundamento a construção de pessoas que possam questionar, refletir e desnaturalizar padrões e estruturas já posta pela sociedade.

Este artigo apresenta a experiência com a disciplina eletiva, sua metodologia e desafios de trabalhar a temática gênero e sexualidade em sala de aula. As atividades ministradas tiveram como objetivo ampliar o conhecimento dos discentes sobre direitos humanos, gênero, feminismo, sexismo, misoginia e diversidade sexual. Como referências para o trabalho tem-se: Beauvoir; Bourdieu; Louro; Saffioti; Scott; Hooks, Furlani.

Nessa perspectiva usamos a metodologia qualitativa, com base em Gil (2002), visando descrever e decodificar de forma interpretativa a experiência com a disciplina.

Na contramão de uma pseudo melhoria do ensino crítico, a qual necessita ser subvertida para que temas urgentes e caros como gênero e sexualidade não sejam marginalizados na escola, percebemos pelos resultados o quão é necessário trazer a temática para sala de aula, como forma de combater o preconceito, através de conhecer e reconhecer a importância e necessidade de garantir direitos e respeitar o outro.

1 NOVO ENSINO MÉDIO, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DA SOCIOLOGIA NA ESCOLA NA BNCC

Em dezembro de 2018, foi homologada a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, visando apresentar as diretrizes para a implementação da Lei nº 13.415², que traz modificações e desafios para os docentes do Brasil. Nesse documento a palavra “gênero”, foi retirada e citada apenas uma vez na disciplina de Língua Portuguesa, ou seja, o documento que norteia a prática docente de todo o país, na educação básica, excluiu, das suas diretrizes, a palavra “gênero”, um dos temas mais atuais e necessários, usados na sociologia para o debate que fundamenta desigualdades sociais

2 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm

históricas entre homens e mulheres, bem como invisibiliza a pluralidade que envolve os debates da questão não-binária de gênero, na contemporaneidade.

Dessa forma, um dos principais termos usado para combater discriminação e preconceitos foi retirado das orientações do Ministério da Educação, bem como de suas diretrizes por um governo misógino e preconceituoso que usava o termo “ideologia de gênero”, como forma fundamentalista de violência a todos e a todas que não atendessem o padrão biológico homem/mulher.

Nas diretrizes da nova BNCC temos a inclusão de disciplinas eletivas, que propõem oportunizar aos discentes a escolha de uma disciplina que o aluno/a tenha interesse em conhecer. Essas disciplinas foram pensadas para oportunizar a construção do itinerário formativo para aprofundar ou ampliar os estudos relativos às áreas do conhecimento que tenham interesse, contempladas na base nacional comum curricular, ou BNCC.

Os Itinerários Formativos constituem um conjunto de disciplinas, projetos e outras situações de trabalho que o jovem poderá escolher para cursar no Novo Ensino Médio.

O aluno deverá se aprofundar nos aprendizados de uma área de conhecimento: ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas, linguagens e suas tecnologias e/ou matemática e suas tecnologias; ou até mesmo em duas ou mais áreas que sejam do interesse. (SEDUC,2022)

É de escolha da instituição a definição de quais Itinerários Formativos serão disponibilizados para os discentes. A disciplina eletiva deve abranger o máximo de temas possíveis para além dos já trabalhados na sala de aula, possibilitando aos discentes um conhecimento com conteúdo mais específico e com aulas mais dinâmicas e lúdicas.

No caderno orientador da SEDUC do Estado do Pará, temos a orientação de que o período para transição para o novo ensino médio se daria no período de 2022 a 2024, as turmas de 1º ano do ensino médio deveriam passar por alguns ajustes por meio de arranjos curriculares, considerando o referido processo de transição. “A organização curricular do estado do Pará

está constituída de duas nucleações indissociáveis: Formação Geral Básica e Formação para o Mundo do Trabalho”. (SEDUC/PA, Pg 10, 2022)

O caderno norteador apresenta um conjunto de ementas para subsidiar a elaboração de campos eletivos para serem disponibilizados nas escolas, e com suas respectivas ementas, que se correlacionam com os princípios curriculares norteadores, os eixos estruturantes, as competências específicas de área, as habilidades específicas das itinerâncias e os objetos de conhecimento. Portanto, os campos eletivos são oportunidades de aprendizagens diversas que garantem o interesse dos estudantes, o aprofundamento dos objetos de conhecimento de uma área e projeto de vida. (SEDUC/PA, Pg 10, 2022).

Dentre as dez disciplinas eletivas sugeridas no caderno norteador da SEDUC/PA temos a disciplina gênero e sexualidade, a qual foi escolhida pelos professores e professoras de sociologia e filosofia para trabalhar como eletiva de ciências humanas e sociais, na escola de ensino médio O pequeno príncipe, na cidade de Marabá sendo objeto de estudo desse artigo.

2. GÊNERO: CONCEITO E CONTEXTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Por muitos séculos o binômio mulher/homem, foi usado para justificar desigualdades em diversas sociedades, essa interpretação de gênero como uma variável binária -Homem X Mulher, caracteriza apenas a diferença sexual como determinante na forma de como homens e mulheres se comunicam, se comportam e se desenvolvem nas sociedades.

Vários estudos científicos, retratavam, as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, como forma de justificativa as desigualdades sociais existentes entre ambos. Dessa forma, o termo sexo é habitualmente confundido com sexualidade, referindo-se a uma diferenciação biológica acometida pela presença de órgãos específicos, pênis ou vagina, e de uma representação cromossômica pelo XX ou XY. Desse modo, sexo é definido por macho e fêmea. Com raríssimas exceções que nascem com a presença das duas gônadas, estes, por sua vez, denominados de hermafroditas.

Simone de Beauvoir (2016), inicia um trabalho de provocação e produção científica em 1949, questionando esse padrão patriarcal de fator bioló-

gico estabelecidos em algumas sociedades. Através de sua renomada frase “Não se nasce mulher, tornar-se mulher”, definindo que as desigualdades existentes na sociedade precisam ser combatidas, reconhece sua condição de exclusão e que é necessário lutar, como forma de combater as desigualdades e opressão existentes na sociedade. A autora lança a base do que mais tarde viria a ser o conceito de “gênero”, pois ela distingue a construção social do sexo feminino/masculino de seu aspecto biológico.

A historiadora Joan Scott dialoga no mesmo sentido, definindo o termo gênero como uma categoria de análise histórica é que precisa ser analisado de forma crítica, tendo em vista o contexto sócio-histórico e cultural. “O termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais “A criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. (SCOTT, 1995, p. 75).

Para Scott, gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança. Com a propagação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995: 75).

Bourdieu (2002), em seu livro “A dominação masculina” escreve sobre o conceito de violência simbólica”, uma forma específica de violência, suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. Partindo da perspectiva de gênero como o sexo socialmente construído, o autor denomina “sociedade androcêntrica” à diferença entre o masculino e o feminino seu caráter cultural e histórico.

Segundo LOURO (1997), é importante nos atentarmos aos mercados sociais como gênero, classe, sexualidade entre outros, pois esses marcadores são centrais para percepção das desigualdades sociais, alicerçadas em uma hierarquia social, a qual possui privilégios. Essas diferentes perspectivas analíticas, nos auxiliam para observarmos as desigualdades sociais construídas entre homens e mulheres na sociedade, muitas vezes remetidas, às

características biológicas, como forma de justificar as desigualdades historicamente construídas.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, Pg 06, 1997)

Para a autora é necessário notar que essa invisibilidade, sustentada pelo patriarcado, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como característico da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres, porém com pequenos avanços de forma global.

No manual de comunicação LGBTI de 2017³, organizado pelo Aliança nacional LGBTI e Gaylatino, o termo gênero é usado para determinar uma construção social, sobre o ser homem e ser mulher, portanto independe do sexo biológico. Além disso o manual possui 104 páginas que defini as questões de identidade, orientação sexual e expressão de gênero, com uma linguagem simples, clara e bem didática.

O manual traz a identidade sexual como uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta e modos de falar.

3. DESENVOLVENDO GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA DISCIPLINA ELETIVA DE SOCIOLOGIA

artigo 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade,

3 Acesso em: <https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WEB.pdf>

à segurança e à propriedade, nos termos seguintes;”. (BRASIL, 1988)

No primeiro inciso do artigo 5º da Constituição Federal trata-se do que chamamos de “igualdade de gênero”. Descreve que independentemente de seu gênero, todas as pessoas são iguais perante a Constituição. Ou seja, todas, todos e todes possuem os mesmos direitos, perante a Lei. Esse artigo é considerado um direito fundamental, indispensável à cidadania, à sociedade e ao Estado brasileiro.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que a igualdade de gênero é um dos pilares fundamentais para construção de uma sociedade legitimamente justa, igual e democrática. Ela surge através do reconhecimento de que vivemos em uma sociedade que, historicamente, discrimina mulheres, LGBTQIA+, por seu gênero.

No bojo dessa discussão a Organização das Nações Unidas-ONU tem como objetivo de número cinco, dentre os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável-ODS⁴ a ser trabalhos pelo Brasil o-desenvolvimento sustentável para alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas até 2030.

5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte

5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos

5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública

5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão. (ONU, 2000)

4 Acesso em: <https://brasil.un.org/pt-br>.

A Secretaria de Estado de Educação do Pará- SEDUC/PA com objetivo de implementar o novo ensino médio, construiu um caderno com várias sugestões de projetos eletivos e denominou de CAMPOS DE SABERES E PRÁTICAS ELETIVOS, os quais se apresentam como oportunidades de aprendizagens diversas que aliam os interesses dos estudantes, o aprofundamento dos objetos de conhecimento de uma área e o projeto de vida dos estudantes.

Assim, a eletiva objeto de estudo desse artigo, foi pensada com base no caderno de Projetos Integrados de Ensino e Campos de Saberes e Práticas Eletivos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Etapa Ensino Médio - Orientação para escolas da Rede Estadual de Ensino Médio do Estado Do Pará (2022), organizado pela SEDUC-PA.

As disciplinas eletivas se organizam da seguinte forma em seu caderno:

ELETIVA 01: CARTOGRAFIA

ELETIVA 02: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: MEMÓRIA & IDENTIDADE

ELETIVA 03: SABERES E PRÁTICAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

ELETIVA 04: LINGUAGENS, NARRATIVAS E PRODUÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS

ELETIVA 05: ÉTICA SOCIOAMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

ELETIVA 06: ESTÉTICA

ELETIVA 07: DIVERSIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA E AMAZÔNICA

ELETIVA 08: DIREITOS HUMANOS E CONSTITUCIONAIS

ELETIVA 09: POLÍTICA E ESTADO

ELETIVA 10: JUVENTUDES E SEUS AFETOS: GÊNERO E SEXUALIDADE (SEDUC, 2022)

A disciplina escolhida foi a eletiva 10, na descrição da disciplina é enfatizado a importância de criar oportunidades para a construção e sistematização dos conhecimentos, oferecendo aos discentes o acesso a informações na sala de aula sobre temáticas que traz, no seu interior, processos sociais de cidadania, desmistificando algumas discriminação e preconceitos presentes na sociedade, como as relacionadas a questões de gênero e sexualidade,

contudo no decorrer das orientações não identificamos nenhuma integração do tema proposto com o conteúdo sugerido, tão pouco com as referências bibliográficas sugeridas.

Observa-se que, no decorrer das orientações, as informações são desconexas, não abordam a temática gênero, não fazem referência a nenhum autor ou autora sobre o assunto, os princípios e eixos estruturantes não tem a ver com trabalhar o tema da sexualidade, gênero ou diversidade sexual e chega a citar o empreendedorismo com eixo estruturante.

Nas competências específicas não existe nenhuma referência a gênero ou sexualidade. Essa total discrepância do tema com a descrição, princípios, competências e habilidades, ao nosso ver, está relacionado a orientação do Ministério da Educação do governo misógino e fundamentalista do ex-presidente Bolsonaro que retirou de suas diretrizes a palavra gênero e determinou que a temática não fosse trabalhada em sala de aula.

No sumário do caderno das disciplinas eletivas temos a eletiva dez com o tema Juventude e seus afetos: Gênero e sexualidade. Já dentro do caderno o título se define apenas como gênero e sexualidade. É visível que não houve uma preocupação na construção das diretrizes da disciplina eletiva. Os objetos de conhecimentos a serem tratados na sala de aula também não correspondem ao tema proposto. É citado conteúdo de: Cultura de Massa e Indústria cultural; Movimentos de Hegemonia e Contra hegemonia; Ética e Conflitos; Juventudes, tecnologias e mídias; Diversidades culturais e interculturalidade.

Nas referências do caderno também temos citação de autores e autoras demonstrando total despreparo da equipe com o tema gênero e sexualidade. As referências citadas no caderno norteador da SEDUC/PA não trazem nenhuma citação de autor ou autora que trabalhe na perspectiva de gênero e sexualidade. O que temos são indicações de leituras genéricas, de alguns clássicos da filosofia como Aristóteles; Hegel; Kant; Platão. Dentre as dezesseis citações das referências apenas Pierre Bourdieu tem um livro escrito sobre a temática de gênero na obra "A dominação masculina", porém não foi essa a obra citada nas indicações.

Portanto, fica claro a postura da Seduc/Pa no sentido de que a temática gênero e sexualidade não fosse uma disciplina a ser trabalhada como

eletiva, acompanhando as recomendações do ministério da educação, que por orientação de setores conservadores da política nacional retirou do conteúdo da nova BNCC a temática gênero.

A escola onde a disciplina eletiva foi ministrada denomina-se O Pequeno Príncipe, possui 240 alunos/as matriculados em 8 turmas no período da manhã no prédio II, e 520 discentes no período da tarde no prédio I e II com 16 turmas. A escola é da Rede Estadual de Ensino na cidade de Marabá-Pará, possuindo nota 4.6 no IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e com elevado número de aprovações no ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio, porém com uma estrutura física precária, pois, no prédio II, onde aconteceram as atividades em análise, não havia sala específica para ministrar as aulas, tendo que usar a sala que estava vaga no dia da aula. Desse modo, foi realizado rodízio entre os professores e professoras de sociologia e filosofia, para que as aulas pudessem acontecer.

Importante salientar ainda que escola não está isenta de preconceitos, tanto pelos docentes como pelos discentes, pois é uma parte da sociedade brasileira que ainda possui muito preconceito. Contudo, como uma instituição social, compete a ela trabalhar temas relevantes como gênero e sexualidade para que possamos aprender através do conhecimento, que existe leis de combate a certos tipos de preconceitos e que é necessário diminuir essas ações e atitudes preconceituosas em nossa sociedade, respeitando a diversidade e garantindo direitos a elas. Assim, quando a escola se dispõe a debater essa temática demonstra uma preocupação para além da aprendizagem de conteúdos, a preocupação de construir cidadãos que respeitem uns aos outros.

A disciplina eletiva foi pensada a partir da demanda dos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, pois aconteceu uma situação de preconceito com uma aluna trans que estava no processo de mudança de nome social e os colegas da turma solicitaram a professora de sociologia para trabalhar sobre o tema de orientação sexual, homofobia, sexismo. Ao partilhar o acontecido com os professores de filosofia e a outra professora de sociologia teve consenso para escolha da disciplina eletiva, a ideia inicial de trabalhar conteúdos mais voltados a construção dos direitos humanos, relacionando desigualdade de gênero, LGBTfobia, patriarcado, sexismo, misoginia, identidade

sexual, violência doméstica e as políticas públicas relacionadas a população LGBT e as mulheres.

A metodologia usada foi a observação participante, que consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Além de permitir uma visão mais ampla do grupo estudado, bem como, os dados obtidos dependem do comportamento do pesquisador das relações que desenvolve com o grupo pesquisado.

uma pesquisa participante não se encerra com a elaboração de um relatório, mas com um plano de ação que, por sua vez, poderá ensejar nova pesquisa. Daí o caráter informal e dialético dessa modalidade de pesquisa. Seus resultados não são tidos como conclusivos, mas tendem a gerar novos problemas que exigem novas ações. (GIL, Pg 152,2002)

Para isso, foram executadas as seguintes etapas: a) planejamento do conteúdo a ser trabalhado; b) divisão de aulas entre os professores e professoras; c) pesquisa sobre material audiovisual e bibliográfico sobre a temática; d) articulação com representante de movimentos sociais locais; e) aplicação das aulas; f) culminância da disciplina.

Essa disciplina eletiva foi uma das disciplinas que teve as inscrições mais rapidamente preenchida, com um total de 33 (trinta e três discentes). Foram ministradas dezesseis aulas, tendo a finalização com uma culminância no prédio principal, através de uma apresentação teatral sobre as formas de violência de gênero e um varal com notícias locais e nacionais sobre feminicídio, violência de gênero e homofobia.

O conteúdo a ser trabalhado foi totalmente diferente do sugerido pelo caderno norteado da Seduc/PA, visto que os autores e conteúdo indicados não correspondiam a temática e conteúdo de gênero e sexualidade, portanto construímos nosso próprio planejamento e metodologia para trabalhar a temática.

No primeiro encontro foi apresentado a disciplina, objetivos e diretrizes, bem como a finalidade de apresentar algo no fim do semestre que seria pensado e construído por elas/es. Posteriormente foi exibido a música PAGU

de Rita Lee⁵, para que eles colocassem sua percepção, seus preconceitos e como poderíamos identificar os estereótipos de ser homem e ser mulher construídos na nossa sociedade.

A pergunta norteadora foi : O que a compositora quis dizer com nem toda feiticeira é corcunda? Nem toda brasileira é bunda? Meu peito não é de silicone, Sou mais macho que muito homem.” Muitos alunos/as não conheciam a música, mas gostaram e fizeram vários comentários, bem importante sobre os padrões que a sociedade impõe as pessoas e como não questionamos e acabamos rotulando como se todas as pessoas fossem iguais.

“Eu nunca tinha pensado sobre porque temos certos comportamentos na sociedade e não questionamos, como ela fala na música, nem todas as pessoas são iguais, tem que ter um padrão, ou uma mesma postura para ser definida como homem ou mulher”. (ALUNX 01)

Na segunda aula foi apresentado o conceito de gênero, patriarcado, sexismo, misoginia e violência de gênero. Partimos de pressupostos de autoras como Simone de Beauvoir, Joan Scott, Heleieth Saffioti. Em seguida, eles reuniram-se em grupos para listar de que forma observamos aqueles conceitos na sociedade e compartilharam com a turma.

Na aula posterior foi exibido o documentário “acorda Raimundo”⁶, que traz em seu roteiro a troca de papéis sociais masculinos e femininos, em uma sociedade dominada pelas mulheres, na qual os homens fazem papéis de cuidado, criação dos filhos, serviços domésticos. E abordado também a violência doméstica e a prostituição. É impressionante como os meninos se sentem incomodados ao ver um homem cuidando da casa, das crianças e exercendo um papel caracterizado como feminino. Além de expor o que acharam do documentário também é solicitado que escrevam sobre qual cena mais lhe incomodou e qual achou mais interessante.

O documentário foi interessante porque troca os papéis masculinos e femininos, eu vou reconhecer que sentir um pouco de preconceito quando vi o pai cuidando das crianças e sendo tratado de forma rís-

5 Acesso em : <https://www.youtube.com/watch?v=ioIiO4NccMU>

6 Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=snLsvVfF9X8>

pida pela mulher que o sustentava, nos faz pensar nas coisas do dia-a-dia, como tarefas domésticas e o quanto ainda somos preconceituosos” (ALUNX 05)

Na quarta aula foi realizado a divisão dos livros: Uma história do feminismo no Brasil-Céli Regina Jardim Pinto; Para educar crianças feministas-Chimamanda ngozi Adichie; Sejamos todos Feministas-Chimamanda Ngozi Adichie; O feminismo é para todo mundo-bell hooks. A escolha desses livros foi pensada na perspectiva de fazer com que os alunos/as fizessem uma leitura acessível, de fácil compreensão que abrangesse as desigualdades de gênero existentes na sociedade, mas sobretudo que elas/es conseguissem refletir sobre o que as autoras analisavam através da obra. Foi dividido em quatro grupos, os mesmos fizeram a leitura e apresentaram em forma de seminário, foi dividido uma aula para cada livro/grupo.

Através das aulas, leituras e discussões em grupo, pude compreender melhor a complexidade e diversidade das identidades e dos gêneros, e como são influenciadas por fatores sociais, culturais, biológicos e psicológicos. A disciplina me fez refletir sobre meus próprios preconceitos e desconstruir ideias pré-concebidas que tinha sobre esses temas. (ALUNX 11)

Para dar continuidade ao debate das desigualdades socialmente construídas, apresentamos o documentário “ A história das mulheres”⁷, uma computação gráfica que faz um contexto histórico desde a Grécia antiga, a história das Amazonas, caça as bruxas, revolução industrial, a participação da mulher no mercado de trabalho até os dias atuais, mostrando como a sociedade construiu um padrão de inferioridade ou sub-representação para as mulheres ao longo da história e o quanto as mulheres resistiram e lutaram para ocupar os espaços que ocupam hoje.

“Para mim o momento mais forte do documentário foi quando abordou que a igreja católica construiu esse papel de inferioridade para mulher alicerçado na bíblia, matando as mulheres que os ameaçavam com a interligencia chamando as de bruxa e até hoje como ela mantém essa estrutura machista com o papa e bispos” (ALUNX 06).

7 Acesso em : https://www.youtube.com/watch?v=_PJ0zyTF414

Na sexta e sétima aula foi apresentado a cartilha LGBTQIA+⁸ criada pelo núcleo LGBT da Universidade Federal do Pernambuco-UFPE, em parceria com a Diretoria de Comunicação, uma cartilha simples e bem didática com o lema “Na UFPE cabe tudo, menos preconceito!”⁹, em modelo de folder e cartaz traz conteúdos como identidade e expressão de gênero, o significado da sigla LGBTQIA+, o que é LGBTfobia e formas de denunciá-la. Foi proposto uma atividade em grupo para apresentar na próxima aula.

Aprendi como aluna que posso contribuir para a promoção da diversidade e inclusão, principalmente no que se refere ao respeito as pessoas LGBTQIAP+. A disciplina me inspirou a buscar mais conhecimento e a explorar outras áreas de estudo relacionadas a esse tema tão importante e necessário para a sociedade atual. (ALUNX 08)

Na aula posterior convidamos o representante do movimento LGBTQIA+ de Marabá para uma roda de conversa. Ele trouxe dados importantes sobre a violência com a comunidade LGBTQIA+, os desafios e avanços nos últimos anos, o retrocesso que tiveram com o governo do Bolsonaro e as dificuldades no mercado de trabalho.

O projeto trouxe uma nova visão, mais ampla sobre identidade e gênero, através de aulas dinâmicas, filmes, documentários e livros, aprendemos muito, seja sobre o papel da mulher perante a sociedade ou até mesmo sobre LGBTQIAP+, tivemos várias maneiras de entender o assunto, com direito a palestra do Igo Silva contando sua trajetória e um pouquinho sobre o movimento ativista que participa. O projeto foi ótimo e acredito que de uma grande importância para os jovens. (ALUNX 03)

Após apresentação dos livros trabalhamos a constituição Federal do Brasil e a garantia de direitos no Brasil. As políticas públicas já implementadas para garantir o direito de mulheres e LGBTQIA+.

8 Acesso em <https://www.ufpe.br/nucleolgbt/cartilha>

9 Acesso em: <https://www.ufpe.br/nucleolgbt/cartilha>

Na décima terceira aula usamos a música “triste, louca ou má” de Francisco, el hombre¹⁰, para trabalhar a temática da violência doméstica. Foram usados dados de feminicídio e de homicídio para demonstrar o qual longe estamos de uma sociedade que respeite as mulheres, também foi abordado como é difícil conseguir suporte do Estado em casos de violência e o quanto o governo necessita investir em políticas públicas para sanar essa forma específica de violência contra a mulher.

A última aula foi a culminância de todas as disciplinas eletivas, aconteceu em um sábado no prédio principal da escola. Foi realizado um varal com notícias e imagens de mulheres, transexuais, travestir e gays que foram assassinados no Pará e no Brasil e os índices de violências de gênero. A intenção era chamar a atenção dos alunos que passavam pelos corredores para a importância da denúncia e de respeitar a diversidade existente no país. Todas e todos que passavam eram convidados para fazer na mão o X que corresponde a um símbolo de denúncia de violência contra mulher.

Os discentes também apresentaram um teatro com performances sobre violência de gênero. Na apresentação, foi construído um roteiro sobre uma menina que possui uma identidade não-binária e sofre preconceito e violência da família que não aceitava sua orientação sexual. A história construída pelos discentes também abordou a violência doméstica vivenciada pela mãe da protagonista da história. Foi uma apresentação que conseguiu provocar emoção em quem assistia, e demonstrar o quanto que esse tipo específico de violência está presente na sociedade brasileira, através da estrutura patriarcal.

“A disciplina sobre identidade e gênero foi necessária para o entendimento, aprendizagem e descobertas para diversos alunos. Eu como aluna da escola O Pequeno Príncipe vi a oportunidade de buscar conhecimento com esse tema e agregar no meu estudo sociocultural, entrei tentando entendê-lo e com mente aberta para todos os assuntos abordados pelos ótimos professores que ficaram responsáveis de lecionar sobre o tema, os tópicos foram bem desenvolvidos, apesar do tempo limitado, muitos alunos amaram. Acredito que foi essencial entender que existe uma grande diferença do termo “Gênero” que é tudo que

10 Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>

a nossa sociedade entende como comportamento, trabalho ou sua função com base no seu sexo biológico diferentemente da identidade de gênero que é como a pessoa se identifica seja como homem, mulher, ambos ou nenhum. (ALUNE13)

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A disciplina eletiva denominada “Gênero e sexualidade: o ser humano em uma sociedade diversa”, foi fundamental para desconstrução da ideia de ideologia de gênero, tão divulgada pelo governo anterior, desta nação, e compartilhada pelo senso comum como algo negativo e abominável de ser trabalhado em sala de aula. Demonstra que é possível trabalhar uma abordagem de conteúdo para além da base comum, tomando por pauta os direitos humanos, o respeito, e a possibilidade de uma educação libertadora mais presente.

Uma disciplina eletiva pode desenvolver nos discentes outras formas de saber, expandir o imaginário do jovem de maneira sensível e consciente para que possam ler e interpretar o contexto em que vivem, para além do conteúdo fixo da nova base curricular. Pode contribuir para formarmos cidadãos que compreendam a importância de respeitar o outro.

No entanto, enquanto o ministério da educação e a SEDUC/PA não orientavam a utilização do termo gênero e dos conteúdos de sexualidade, identidade sexual, os professores de sociologia e filosofia usaram o currículo oculto para trabalhar a temática solicitada pelos alunos e alunas, num momento que havia a necessidade de desnaturalizar essas construções sociais de preconceito.

Portanto, precisamos confrontar posturas machistas, preconceituosas e homofobias todos os dias, motivando o entender, o debater e como essas relações de preconceito afetam a escola, os jovens e a sociedade. E sobretudo, demonstrando que a construção de um país verdadeiramente democrático perpassa por uma educação que garanta direitos e respeite às diferenças.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB. 13415/2017**.

BRASIL. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 3 ed. Tradução Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; VILODRE, S. (Orgs.). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 66-81

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo :Atlas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. RJ: Vozes, 1997, p.14-56. (a)

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ. Caderno de Projetos Integrados de Ensino e Campos de Saberes e Práticas Eletivos da Área de Linguagens e Suas Tecnologias – Etapa Ensino Médio - Orientação para escolas da Rede Estadual de Ensino Médio do Estado Do Pará (2022) / Organizador: SEDUC-PA, 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2000.

ANEXOS:



LGBTQIA+

A sigla LGBTQIA+, que abrevia orientações sexuais e identidades de gênero, é usada para se referir à comunidade de **Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transvestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais** e pessoas que transitam entre os gêneros. Ela surgiu com o objetivo de unir as pessoas que fazem parte dessa população, a fim de que elas se sintam reconhecidas e representadas. Ela está sempre recebendo mais letras para dar mais visibilidade e representatividade a essa população.

Todas as pessoas, independentemente da orientação afetivo-sexual, ou seja, sendo ou não na comunidade LGBTQIA+, possuem em diferentes lugares, nas escalas de identidade e de sexo biológico.

Identidade de Gênero

Identidade de Gênero refere-se ao sentimento de pertencimento a um gênero específico.

Identidade de Gênero: Se identifica com o gênero feminino, masculino ou neutro.

Identidade de Gênero: Não se identifica com o gênero masculino ou feminino.

Identidade de Gênero: Não se identifica com o gênero masculino ou feminino, mas se identifica com o gênero neutro.

Identidade de Gênero: Não se identifica com o gênero masculino ou feminino, mas se identifica com o gênero neutro.

Orientação Afetivo-Sexual

Orientação Afetivo-Sexual refere-se ao sentimento de atração por outras pessoas.

Orientação Afetivo-Sexual: Homossexual - "Não desejo relacionar-me com pessoas do mesmo gênero." **Heterossexual** - "Tenho desejo afetivo-sexual com pessoas de outros gêneros." **Bissexual** - "Tenho desejo afetivo-sexual com pessoas de ambos os gêneros." **Transexual** - "Tenho desejo afetivo-sexual com pessoas de ambos os gêneros e pessoas de gênero neutro." **Transgênero** - "Tenho desejo afetivo-sexual com pessoas de ambos os gêneros e pessoas de gênero neutro."

O que é LGBTfobia?

De forma resumida, LGBTfobia é toda forma de violência contra pessoas em função da orientação sexual ou identidade de gênero. É a rejeição, preconceito, discriminação, a hostilidade, a agressão ou o dano às pessoas que pertencem à Comunidade LGBTQIA+.

Em termos gerais, muitas pessoas continuam a reproduzir preconceitos contra pessoas com orientações sexuais ou identidades de gênero diferentes da heterossexualidade e da cisgenderidade.

Esse preconceito afeta a qualidade de vida dessas pessoas e pode acontecer no ambiente de trabalho, nas escolas, universidades e, até mesmo, nos próprios meios familiares.

Comum ouvir pessoas dizerem que não são preconceituosas, mas, por exemplo, não querem compartilhar espaços com pessoas LGBTQIA+. Pode não parecer, mas é uma violência e ela pode se manifestar de muitas maneiras.

No Brasil, a LGBTfobia foi criminalizada em 13 de junho de 2019, por meio de uma decisão do STJ que determinou que a discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero constitui um crime equivalente ao de racismo. De acordo com o STJ, "o entendimento do Estado Democrático de Direito qualifica tipo de discriminação, inclusive a que se fundamenta na orientação sexual das pessoas ou em sua identidade de gênero".

Formas de LGBTfobia

Assédio: ocorre na esfera verbal, psicológica e física.

- **Falsa** - punção de cabelo, calças, roupas íntimas, arrebatamentos de forma indelicada, insultos e morte violenta etc.
- **Mulher** - supostamente uma de palavras ofensivas ("travesti", "bicha", "sapatão") e outras atitudes de humilhação ("pepe e chulé", "chodido etc.).
- **Prejudício** - manipulação, preferência, agressão etc.
- **Sexual** - comentários no ambiente de trabalho, toque indelicado, assédio sexual, comentários, entre outros.

Assédio: repulsa pela existência das pessoas LGBTQIA+.

Discriminação: ocorre em situações de trabalho e serviços, devido a orientação sexual ou identidade de gênero.

Preconceito: ser visto julgando ou julgando sobre a sexualidade de alguém, com base na relação entre grupo e preconceito. Fazer associação de pessoas LGBTQIA+ a infecções sexualmente transmissíveis, achar que travestis são pedintes e agressivos etc.

Assédio: cartas violentas aferradas com agulha por causa da sua identidade de gênero e/ou sexualidade.

Identidade de Gênero

Identidade de Gênero refere-se ao sentimento de pertencimento a um gênero específico.

Identidade de Gênero: Se identifica com o gênero feminino, masculino ou neutro.

Identidade de Gênero: Não se identifica com o gênero masculino ou feminino.

Identidade de Gênero: Não se identifica com o gênero masculino ou feminino, mas se identifica com o gênero neutro.

Expressão de Gênero

Expressão de Gênero refere-se ao modo como uma pessoa se apresenta ao mundo.

É a maneira como cada pessoa expressa sua identidade de gênero, seja por roupas, maquiagem, gestos, danças, modos de falar, de se vestir, de se comportar, etc.

Formas de expressão de gênero não são sempre compreendidas e nem sempre atribuídas ao nascimento.

Sexo

Sexo refere-se às características anatômicas e fisiológicas que definem a masculinidade e a feminilidade.

mas também outras características sexuais, como barba, presença de pelos corporais, etc.

Orientação Afetivo-Sexual

Orientação Afetivo-Sexual refere-se ao sentimento de atração por outras pessoas.

É o desejo afetivo, romântico ou físico por uma pessoa.

Sofreu ou presenciou LGBTfobia na UFPE? DENUNCIE!

Apesar de crescente aceitação às pessoas LGBTQIA+, ainda são muitas as situações de violência pelas quais passamos. A UFPE não é lugar para discriminação. Se você sofreu ou presenciou alguém sofrendo agressões em qualquer espaço de nossa universidade, denuncie!

Desde 2020, todas as denúncias relacionadas ao Serviço Público Federal devem ser feitas diretamente pela plataforma **Fala.BR**, no endereço <https://falabr.org.br/>. É necessário fazer um cadastro, mas a denúncia pode ser feita de forma anônima. Se você preferir, a Ouvidoria Geral e o Núcleo LGBT da UFPE podem te ajudar com o procedimento.

Uma vez registrada a denúncia, a Ouvidoria Geral vai ser acionada e o processo administrativo será aberto para averiguar o ocorrido.

A nossa identidade, enquanto seres humanos, é construída a partir de nossa relação com as outras pessoas.

Quando a gente fala de relações afetivas e papéis sociais, a nossa sociedade espera que homens e mulheres se comportem de acordo com determinadas noções de masculinidade e feminilidade de gênero, que estabelecem como devemos nos comportar, quais roupas podemos vestir e com quem podemos ter uma relação afetivo-sexual.

Somos atravessados por diversas influências sociais, como raça, classe social, sexo etc, que se somam às nossas experiências pessoais.

Essa é a **heteronormatividade**, que considera padrão apenas as relações heterossexuais (ou seja, entre um homem e uma mulher) e as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. No entanto, muitas pessoas não se encaixam nessas expectativas, e aí está toda a diversidade dos seres humanos.

Para entender melhor essas possibilidades, é preciso levar em conta quatro dimensões:

- Identidade de Gênero** - É como cada pessoa se identifica com seu gênero. Cada pessoa tem sua própria maneira de se relacionar com o gênero. Além de masculino e feminino, existem pessoas que não se identificam com esses dois gêneros, incluindo o gênero neutro.
- Sexo** - São as características anatômicas e fisiológicas que definem a masculinidade e a feminilidade. Além disso, existem pessoas que possuem características sexuais, como barba, presença de pelos corporais, etc.
- Expressão de Gênero** - É a maneira como cada pessoa expressa sua identidade de gênero, seja por roupas, maquiagem, gestos, danças, modos de falar, de se vestir, de se comportar, etc.
- Orientação Afetivo-Sexual** - É o desejo afetivo, romântico ou físico por uma pessoa.

Universidade Federal de Pernambuco acredita na formação e uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, tem compromisso de criar espaços dentro dos campi em que pessoas de diferentes identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais possam se sentir seguras. Neste material, vamos conhecer um pouco mais sobre a comunidade LGBTQIA+!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO